

Free shops são surpreendidos e temem retração

ANA CLAUDIA COSTA
E MÁRIO ANDRADA E SILVA (*)

RIO E MIAMI – O pacote econômico pegou de surpresa os diretores da Brasif, empresa que administra os free shops dos aeroportos do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e Campinas. A redução no limite de compras de US\$ 500 para US\$ 300, segundo Mário Rolla, assistente de diretoria da Brasif, está na contramão do que pretende o governo. Para ele, o governo vai perder com esta medida. "Quando alguém compra no free shop, 50% da arrecadação líquida são repassados direto ao Banco Central", disse.

Mário Rolla informou que somente no ano passado foram repassados ao Banco Central US\$ 150 milhões. A projeção de arrecadação feita pela empresa, ao longo dos próximos cinco anos, de acordo com ele, era de US\$ 900 milhões, com 50% para o governo. "Ainda estamos perplexos. Não temos clima para fazer qualquer análise", reconheceu. O futuro das mercadorias à venda no free shop que custam mais de US\$ 300 ainda é incerto. "Acho que estes produtos não serão mais vendidos", disse. Hoje, uma pessoa que desembarca no Rio pode comprar um videocassete Panasonic 6 cabeças, estéreo, por US\$ 439, ou uma impressora colorida jato de tinta Canon por US\$ 349.

O empresário do setor de turismo Marcello Periolo, 33 anos, também reclamou da medida: "O limite de US\$ 500 para compras não atrapalha em nada o governo". Com o carrinho cheio de bebidas, no limite de US\$ 500, ao desembarcar de Montevidéu, ele admitiu que só compra bebidas, mas mesmo assim fica sem alternativa a partir de agora. "Terei de comprar menos", disse, resignado.

O aumento na taxa de embarque, que vai passar a US\$ 90, também deixou o empresário perplexo. Segundo ele, esta será a taxa de embarque mais cara do mundo. "Com esse aumento, eles estão querendo proibir as pessoas de sair do Brasil. Isso está parecendo a Rússia antes da abertura política", disse.

Miami – No principal centro comercial dos brasileiros no exterior, lojistas da zona central de Miami se disseram céticos quanto ao plano do governo, de reforçar o policiamento alfandegário em torno da cota de US\$ 500 para compras no exterior. Eles acham que serão abertos caminhos alternativos pelas tradicionais vias de corrupção na alfândega. Para os comerciantes de Miami, os brasileiros poderão continuar comprando como sempre e eles, vendendo como nunca.

Estatísticas do Greater Miami Convention and Visitors Bureau indicam que cada brasileiro costuma gastar cerca de US\$ 1.700 a cada passada por Miami. Pelo menos US\$ 1.000 desta média é usado em compras. "Quase todos os brasileiros nossos clientes gastam mais do que os US\$ 500 da cota. Nós emitimos notas fiscais corretas, mas não temos como saber se eles vão pagar imposto pelo excesso", diz Sergio de Brito, gerente-geral da Victor's.

Turistas que circulavam ontem pela zona de compras de Miami continuavam acreditando que o jeitinho brasileiro será suficiente para vencer qualquer barreira na Alfândega e todos de um conjunto de 20 pessoas ouvidas ontem pela reportagem do JB no centro estavam gastando mais do que US\$ 500 em compras. Lojistas e turistas concordam em um ponto: o aumento do custo da taxa de embarque não provoca qualquer impacto na vontade das pessoas de viajar ao exterior e gastar lá fora.